



**Intermitências temáticas:
movimentos de composição editorial na revista *Vida Simples*¹**

Frederico de Mello Brandão TAVARES²

GPJor/Unisinos

Resumo

O presente trabalho realiza uma análise da revista *Vida Simples*, publicada mensalmente pela *Editora Abril*, centrando-se na lógica de sua composição temática. Pretende-se observar como o plano estrutural da publicação orienta e dialoga com a presença de temas no espaço e tempo que envolvem o periódico. Mais que isso, busca-se pensar em como tal presença participa e aciona uma série de processos que configuram significados para a qualidade de vida na sociedade, foco da revista. Para isso, verifica-se em 96 edições publicadas os principais conteúdos e a lógica que permeia a ocorrência destes ao longo de uma só edição e de um conjunto delas. Dos resultados aí obtidos, aponta-se para a percepção sobre a ocorrência de uma oscilação entre certos temas, movimento que participa da construção de uma globalidade jornalística e, simultaneamente, de uma identidade editorial.

Palavras-chave

Revista; Tema; Projeto Editorial; Qualidade de Vida; *Vida Simples*

Introdução

Segundo Eric Landowski, o jornal se caracteriza como um instrumento excepcionalmente poderoso de *integração* dos múltiplos universos de referência que ele toma como objeto (LANDOWSKI, 1992, p. 117, grifo do autor). Se extrapolamos o pensamento do autor para universos outros do jornalismo impresso, mais especificamente para o jornalismo de revista, a atenção sobre *como* as lógicas de um meio de comunicação e sua relação com a realidade social podem ser observadas prevalece. Em qualquer revista – com destaque para aquelas ditas especializadas ou segmentadas – é possível dizer que a formatação editorial que a origina e a orienta periodicamente (plano estrutural, seções, estilo jornalístico, projeto gráfico, diagramação, imagens) serve como importante mapa para se pensar a maneira com a qual campos temáticos são apreendidos pela publicação, alocando-se em rubricas específicas

¹ Trabalho apresentado no GP Produção Editorial, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor em Ciências da Comunicação, e-mail fredericombtavares@yahoo.com.br.



e sendo tratados a partir de diferentes e, de alguma maneira, complementares (dado o “espírito” da publicação), perspectivas gráficas e textuais. Na lógica de organização da *superfície sensível* (MOUILLAUD, 2002)³ de uma revista, pode-se dizer, fica exposto aquilo que pretende essa estrutura e que é orientador de sua execução mensal.

Se pensamos as questões de produção em uma revista e como estas se encontram materializadas de um ponto de vista da especialização (como possibilidade e demanda da segmentação), caminha-se na análise da verificação da existência, ou melhor, da compreensão das lógicas que permeiam, em tais publicações, a construção periódica e a estruturação de uma coerência editorial a favor de um tema (ou de vários), cujos reflexos podem ser observados e extrapolados para os vários processos (comunicativos e midiáticos) que as envolvem e as dotam de uma certa singularidade, atuando numa construção específica de uma realidade editorial.

Isto posto, vale a pena considerar que as publicações que circulam periodicamente no cotidiano, em seu conjunto, mapeiam também a sociedade, formatando e selecionando temas e configurando uma cadeia de sentidos. Neste contexto, se tomamos como foco o universo das revistas segmentadas e/ou especializadas, é possível reconhecer que a materialidade editorial que nos chega às mãos em um exemplar publicado refere-se a um encaixe entre realidades jornalísticas e sociais (TAVARES, 2011), que condicionam uma processualidade específica, um “todo” impresso, um “organismo vivo”, “um projeto orgânico contínuo” (LESLIE, 2003). Uma revista é, pois, um composto formado por lógicas que se encontram entrecruzadas – editoriais, mercadológicas, culturais –, cuja estrutura mais que condicionar partes fixas de uma produção, padronizando-as, aciona uma série de movimentos que, se analisados, tornam-se reveladores de uma série de processos.

Este texto, atento àquilo que se entrecruza nos processos de edificação de uma revista e como isto aparece em suas páginas, pretende apontar para a maneira como conteúdos habitam uma publicação específica, instaurando um movimento de composição editorial que atua decisivamente – no tempo e no espaço (no interior de uma periodicidade e das páginas de um periódico) – na elaboração tanto de um sentido sobre uma temática específica quanto de uma identidade editorial. Tais questões são fruto – e parte – de uma pesquisa mais ampla, que realizamos entre os anos de 2007 e 2011, e que tem como objeto empírico a revista *Vida Simples*, publicada mensalmente pela *Editora Abril*.

³ Em outra perspectiva, Rancière (2005, p. 21) vai dizer: “Uma ‘superfície’ não é simplesmente uma composição geométrica de linhas. É uma forma de partilha do sensível”.



Vida Simples é uma revista temática, voltada para a qualidade de vida na sociedade. Sua estrutura editorial está composta por seções fixas e móveis (que se intercalam ao longo de um ano) nas quais se constrói jornalisticamente uma ideia de bem viver na vida social e, ao mesmo tempo, uma maneira jornalística e “revistativa” (TAVARES, 2011) de se falar sobre bem-estar.

Nas próximas páginas, apresentamos uma análise dos conteúdos de 96 edições da revista (de agosto de 2002 a setembro de 2010), observando como os temas das principais reportagens de *Vida Simples* (matérias de capa) funcionam duplamente no direcionamento dos assuntos tratados na publicação: tanto como lugar de caracterização/categorização de grandes temáticas no interior de um conceito mais amplo de qualidade de vida quanto como dispositivo editorial para a construção de uma pauta/temário circular para a revista e para a afirmação desta no interior de um segmento específico do mercado revistivo especializado.

Com base em tal recorte, buscaremos desvelar indícios da estrutura editorial do periódico, que direciona, tematicamente, o seu fazer, estabelecendo as bases para uma abordagem jornalística, para a demarcação de um público e para a formatação de um conceito próprio – no sentido de um ponto de vista do produto sobre a vida cotidiana desde um tema principal (a qualidade de vida). Mais que isso, no reconhecimento do âmbito temático da publicação, esperamos apontar para ações que atravessam de maneira central sua formulação editorial e que, por meio de uma intermitência, participam da tessitura que compõe sua maneira de ser.

Da revista como produto ao produto *Vida Simples*

Muito associada aos conceitos de Marketing e Economia, tal como em grande parte da reflexão de Vallada (1989), a ideia da revista como produto aparece como oportuna para a discussão histórica da formação dos segmentos e especializações dentro desse local jornalístico⁴. Ao longo dos anos, se temos a evolução da revista como meio de comunicação, temos também, com o avanço das indústrias culturais, sua formatação desde um viés profissional e, além disso, empresarial. A revista produz e incorpora um tipo de jornalismo e, nas processualidades que acompanham tal característica, não foge também ao fato de ser um negócio. Nesse caso, em outras palavras, não foge ao fato de que ela é um produto que deve

⁴ Para Vallada (1989), a revista é um objeto de marketing, pois, para ter sucesso como produto, precisa se submeter às várias etapas de um plano estratégico (relacionado ao seu foco no leitor); e é também um instrumento de marketing porque veicula mensagens publicitárias de outras empresas (relacionado ao seu foco nos anunciantes).



ser consumido e que gera, a partir dele mesmo e de maneira constitutiva, uma cadeia mais ampla de consumo; seja de bens, seja de comportamentos.

Na junção entre as questões empresariais, históricas e mercadológicas, segundo afirma Vallada (1989), a revista é um produto que deve se adequar a uma época, a um público-alvo e a um segmento específico, posicionando-se estrategicamente. No cenário estudado pelo autor, fica clara uma questão pontual e datada: o fechamento de importantes revistas de generalidades (temos o exemplo de *O Cruzeiro* na década de 1970 e, posteriormente, de *Manchete* na década de 1990) está acompanhado de uma tendência histórica e mundial no “negócio de revistas”: “a segmentação, a especialização; a segmentação da segmentação ou a superespecialização” (VALLADA, 1989, p. 18). Uma lógica que está atrelada a questões sociais e históricas, mas que se assenta no consumo perene e cada vez maior de títulos específicos e na busca destes de, sem perder o fio editorial, cambiar constantemente conteúdos em busca de um diferencial que acompanhe um público leitor, um leque de anunciantes e, além disso, que reflita sua periodicidade e aquilo que dela possa ser explorado.

Cada tipo de produto industrial tem seus problemas característicos de mercado, que exigem estratégias mercadológicas adequadas; os vários “produtos jornalísticos”, diferentemente, reclamam um tratamento específico de marketing quanto aos dois mercados em que têm de atuar: o leitor-alvo e o anunciante em potencial (VALLADA, 1989, p. 20, grifo do autor).

Do ponto de vista do marketing, “a única coisa absolutamente imutável em qualquer segmento de mercado – enquanto grupo de indivíduos que é – será sempre sua condição de permanente mutação” (RICHERS; LIMA, 1991, p. 53). Nesse universo, a revista é um “produto” privilegiado, uma vez que mais que falar para uma “massa”, fala para nichos, segmentos e pode assumir, inclusive, na concorrência com outras revistas, características de vários tipos de produtos (popular, feminino, masculino etc.). Além disso, como destaca Nathalie Sonnac (2001), a revista é também “local” de outros produtos⁵, onde o leitor encontrará uma oferta variada de bens e serviços. Ideia essa que, de certa forma, corrobora Marília Scalzo (2004, p. 44 – 45), que chama a revista de um “supermercado cultural”. Segundo a autora, elas refletem a cultura dos lugares, o estilo de vida, “e, numa sociedade consumista como a em que vivemos, não é de estranhar que, apesar da crise econômica, as revistas que incentivam a febre pelas compras estejam em alta e representem uma tendência significativa no mercado editorial”.

⁵ Mogel (1998) também reflete sobre a “revista como um mercado” [*magazines as markets*].



Se focamos nosso objeto a partir desse contexto, podemos dizer que as características do público leitor⁶ de *Vida Simples*, somadas a uma temática ampla – a da qualidade de vida –, enquadram a revista no interior de um segmento específico de mercado, demarcando, também, no interior deste, o local editorial da publicação. Assim, os traços do leitorado somados aos temas que a revista aborda – cuja seleção também se dirige a esse público – possuem papel decisivo em uma constituição jornalística e “revistativa”, endereçando para *Vida Simples* e sua especialização, um traço de jornalismo segmentado.

Para Mara Rovida (2010), o jornalismo segmentado,

é um tipo de comunicação jornalística focado em grupos sociais específicos formados com base em um interesse comum que, em geral, se relaciona a temas profissionais. O Jornalismo Segmentado é apresentado em veículos com distribuição dirigida. O texto desse tipo de comunicação jornalística apresenta aspectos de proximidade com o público-alvo e traz características que contradizem os preceitos de pluralidade encontrados no jornalismo de informação geral. Dessa forma, os veículos segmentados são voltados para públicos restritos, trabalham com uma lógica de proximidade com o público, possuem uma periodicidade mais flexível e, portanto, não há uma ênfase na atualidade, mas sim no aprofundamento objetivando a informação, a interpretação e a formação do público (ROVIDA, 2010, p. 75).

A autora trabalha com a ideia de segmentação, contrapondo-a à de especialização, definindo, por isso, o jornalismo especializado de outra maneira:

jornalismo especializado faz parte do jornalismo de informação geral por se tratar de comunicação ampla e genérica, embora possa ser limitado por aspectos temáticos que imprimem certa singularidade na redação das notícias e até na abordagem dos temas noticiados. O jornalismo especializado, normalmente, se remete a uma editoria do jornalismo de informação geral, não sendo considerado um fenômeno ou modalidade à parte, mas uma característica do jornalismo de informação geral contemporâneo (ROVIDA, 2010, p. 65).

Mesmo dizendo ser o jornalismo especializado uma “modalidade” específica, nas definições da Rovida (2010), persiste a opção de relacionar tal jornalismo especializado à questão temática (ligado a editorias), restringindo ao segmento a diferenciação pelo público e pelos veículos específicos, onde se enquadraria, por excelência, a revista. Talvez por isso, afirme a autora, ao contrário do que pensamos, que o jornalismo especializado seja anterior ao segmentado, indicando que o público se segmenta após uma “superespecialização” dos conteúdos⁷.

⁶ Segundo o plano editorial da publicação, de 2009, o leitor de *Vida Simples* é “jovem de espírito; urbano; engajado ou simpatizante; bem informado e bem formado (é consumidor de cultura); está buscando alternativas, fazendo reavaliação da vida; crítico com a vida na cidade hoje; sonha com uma virada na vida (está num momento de *turn point*) ou já está vivendo a virada; obteve suas conquistas, mas está numa fase de buscar algo mais”.

⁷ É bom afirmar que nosso foco não está voltado para tais questões (se antes, ou depois). Apenas as apontamos a fim de complementar nosso raciocínio. Afinal, como afirma Quesada Pérez (1998), apesar de o jornalismo especializado estar ligado a certas áreas temáticas que solicitaram, ao longo do tempo, sua configuração como prática, é correto afirmar também que “la



Do ponto de vista histórico, no âmbito das revistas impressas, preferimos falar em dois tipos de segmentação. Um primeiro, mais antigo, que a relaciona à multitematicidade que as revistas alcançaram cronologicamente. Um segundo, que diz respeito à maneira como as revistas segmentadas por temáticas (e, na sequência, por públicos – processo incorporado, por exemplo, na passagem das revistas de variedades às revistas femininas) se “profissionalizaram”, formando um contexto para a formalização mercadológica de segmentos tanto por temas quanto por nichos de público e periodicidades e, também, consolidando um tipo de prática jornalística específica, que coloca a especialização em um conjunto que ultrapassa aspectos apenas temáticos.

Assim, sem datarmos aqui os períodos que configuram o que chamamos acima de dupla segmentação, e pensando essa duplicidade no jogo entre tematização e público, é possível pensar, em *Vida Simples*, o “casamento” entre a questão do público com a questão temática, compondo um vértice que, em conjunto com sua estrutura (seções e projeto gráfico), permite pensar sua estruturação editorial.

No que diz respeito às seções que compõem *Vida Simples*, pode-se dizer que a revista incorpora, desde a sua fundação em 2002, uma lógica constante, compondo uma espécie de grade que ajuda a setorizar e/ou nortear suas temáticas e dar conta do “todo” de uma grande temática. Isso se dá não tanto pela determinação do que deve ser abordado, mas, também, em relação ao *como* deve ser abordado. Assim, tal constância, além de distribuir o conteúdo em espaços⁸ que direcionam seu funcionamento jornalístico, responde pelo uso e presença, na publicação, de praticamente todos os estilos e gêneros jornalísticos⁹. Tal organização vem se mantendo em relação a uma dinâmica própria, que respeita tanto uma lógica temporal (com seções fixas e esporádicas) quanto uma lógica editorial (que permanece pelos preceitos desenhados para cada seção, mesmo com as mudanças de nomes para cada uma delas ou com reformas na composição da estrutura da revista).

Em relação aos conteúdos, de alguma forma, as seções deixam à mostra os pilares que envolvem a construção e a leitura proposta pela especialidade de *Vida Simples*, revelando

paulatina introducción de la especialización en el trabajo periodístico há propiciado la aparición de nuevos ámbitos temáticos, no siempre bien delimitados entre sí, que no sólo han influido em el tratamiento periodístico que desde entonces se ha venido dando a la información de actualidad, sino que incluso ha llegado a provocar reestructuraciones importantes, en términos laborales y profesionales, dentro de las redaciones de los medios” (QUESADA PÉREZ, 1998, p. 56).

⁸ É possível notarmos uma sobreposição de espaços em *Vida Simples*: o espaço material (do suporte), o espaço social (para o qual se volta e do qual se originam os conteúdos) e o espaço propriamente jornalístico (da organização e dos enquadramentos. Tal qual está proposto, mensalmente, pelo sumário da publicação). Todos eles se entrecruzando.

⁹ As principais seções da revista, que organizam uma grade para tratar de conteúdos voltados para a qualidade de vida, estão organizadas em torno de reportagens (ex: matéria de capa, seção “Comer”, “Morar”), serviços (ex: “Tudo Simples”), notas (ex: seção “Mente Aberta”, “Horizontes”), editoriais (ex: seção “Carta ao Leitor”) e colunas de especialistas (ex: seção “Pensando Bem”, “Outras Palavras”).



também como a temática eleita pelo periódico orienta-o a se posicionar. Se as seções organizam o espaço temático da revista, atuando na integração seletiva de universos distintos de um mesmo grande tema, os temas da revista – ou seu tema principal, pode-se dizer – também possuem papel decisivo na categorização criada em cada seção e, conseqüentemente, naquilo que se pretende para cada uma.

Também, se lembrarmos aqui aspectos relacionados ao conceito de qualidade de vida, questões objetivas e subjetivas que permeiam o conceito encontram-se “espelhadas” na revista, mesmo que atualizadas desde uma fórmula editorial¹⁰. Alimentação, moradia, comportamento, economia (consumo, rendimento etc.), lazer, saúde, são exemplos de rubricas que orientam a composição da revista e que, em companhia de outras, “mais jornalísticas”, como perfil e entrevista, compõem o todo de *Vida Simples*.

Na confecção das seções, pensando no perfil de seu público imaginado e real, a revista busca o enfoque pela interpretação, pelo consumo, pela indicação de alternativas, pela sinalização de uma mudança de hábitos e costumes, situando-os em um contexto de classe e, concomitantemente, em um tempo e espaço sociais definidos¹¹.

Entretanto, não entrando nos pormenores da relação do público com a revista, e tampouco apontando para os aspectos jornalísticos de cada seção da publicação, mas tomando-os como horizonte, cabe entender melhor, uma vez que entre ambos (leitor e seções) estão os conteúdos, como tais conteúdos operam sobre o “todo” da qualidade de vida pretendida (“refletindo” questões do leitorado e da estrutura da revista) pela publicação e que conteúdos são esses. Interessa-nos pensar, assim, e principalmente, como os temas aparecem no interior de *Vida Simples*, reconhecendo seu duplo papel: no “preparo” de uma especialização (um modo de fazer), para onde se voltam certas técnicas jornalísticas e, ao mesmo tempo, na formação de um conjunto de referentes para uma cobertura informativa e para um nicho específico de mercado e de público (MIRA, 1999).

Os temas da e na revista: a qualidade de vida pela lógica dos conteúdos

Segundo Leandro Sarmatz (2008), ex-redator-chefe da revista, os temas das reportagens de capa são norteadores e representativos de toda uma lógica de produção de

¹⁰ “A fórmula se resume ao enfoque da revista sobre o conteúdo editorial. Estão englobadas as questões referentes à tipografia e extensão dos artigos, seções dispostas nas primeiras e últimas páginas, estilo das fotografias e ilustrações, enfim, como as opções imagéticas traduzirão a proposta editorial” (KOPP, 2008, p. 215).

¹¹ Não dizemos aqui de uma uniformidade desses aspectos (classe e contexto). Ambos, como se sabe, estão permeados por matrizes culturais distintas, bem como por jogos de força, poder e dominação política e econômica.



conteúdos para a revista, sendo representativos de seu universo temático. Considerando, assim, o papel das temáticas de capa no contexto editorial de *Vida Simples* e questionando o seu funcionamento, realizamos ao longo de 96 edições (de agosto de 2002 a setembro de 2010), uma análise dos conteúdos da publicação. Partindo das matérias de capa e de suas temáticas, construímos grandes categorias que possibilitaram a reunião de vários assuntos em torno de algumas questões principais, a partir dos quais passamos “em revista” todas as seções de todas as edições recortadas, categorizando todos os conteúdos, de todas elas. Ou seja, das capas e de seus temas, buscamos organizar a revista como um todo, compreendendo suas regularidades e edificação temática em sua temporalidade editorial. Os temas e sua recorrência (tanto pelas categorias traçadas quanto pela repetição dos assuntos), contribuem, junto às seções, para o estriamento do tecido simbólico da revista, indicando, no que está para além da sua superfície, costuras e fazeres que atravessam sua composição.

Do universo das 96 capas, construímos 28 grandes grupos de temas que seguiram duas lógicas para a sua construção: a presença da mesma temática em várias capas e, também, a presença de um tema pouco abordado em capas, mas muito tratado pela revista ao longo das seções. É verdade que muitas das “categorias”, se olhadas e repensadas, poderiam sofrer variações, o que levaria, principalmente, ao reagrupamento dessas categorias. No entanto, vale dizer que as mesmas semelhanças que as aproximam (inclusive na nomenclatura), quase as tornando simultâneas, estão permeadas, nos textos e seções onde as temáticas são tratadas, por diferenças que fomos percebendo ao longo de exaustivo contato com as revistas. Assim, seguem abaixo as “categorias” criadas a partir do circuito que as matérias de capa, tensionadas com o restante da publicação, nos ofereceram:

Categorias	Breve Descrição
Convivência	Temas sobre relações e ações pessoais cotidianas (vizinhança, solidariedade etc.).
Individualidade	Temas sobre autoconhecimento (reflexão, isolamento etc.).
Corpo	Temas sobre saúde física.
Cidade	Temas sobre vida na cidade.
Maturidade	Temas geracionais e sobre envelhecimento.
Família	Temáticas diversas sobre a família.
Ficção	Temas relacionados à literatura e outras formas de narrativa (cartas, blogs etc.).
Alternativos	Temas relacionados a tratamentos alternativos voltados para saúde física e mental.
Consumo	Temáticas sobre hábitos de consumo, economia doméstica e pessoal, produtos.
Criatividade	Temas sobre o processo criativo e a presença da criatividade na vida humana.
Personalidade	Temas relacionados a traços pessoais (beleza, simpatia etc.).
Religião	Temas relacionados à religiosidade e espiritualidade.
Trabalho	Temas relacionados ao trabalho.
Tranquilidade	Temas relacionados à paz.
Moradia	Temas sobre moradia em âmbito público e privado.



Amor	Temas sobre relações amorosas.
Comunicação	Temas relacionados aos vários tipos de comunicação humana (corporal, oral etc.).
Simplicidade	Temas que explicitam a ideia de simplicidade (o que é o simples?).
Alimentação	Temas sobre tipos de alimentos, hábitos alimentares, alimentação e cultura.
Amizade	Temáticas sobre a amizade.
Existência	Temas sobre a existência humana e a reflexão sobre a vida.
Humor	Temas sobre humor.
Dormir	Temas relacionados a descanso e relaxamento.
Mudança	Temas relacionados a vários tipos de mudanças (em diversos âmbitos da vida).
Planejamento	Temáticas sobre planejamento e organização.
Preguiça	Temáticas relativas a viver a vida sem pressão (postura frente ao cotidiano).
Política	Temáticas relacionadas a questões de cidadania e vida pública.
Sexo	Temas sobre sexualidade.

Quadro 1 – Temas de *Vida Simples*: categorias

Tais agrupamentos, portanto, que partiram dos conteúdos das capas, também foram ajustados à medida que outros assuntos, no interior da revista, indicavam sua relevância. Assim, por exemplo, o tema “sexo”, que aparece em duas capas e, a princípio, poderia estar agrupado em outra categoria, dada a sua recorrência no interior da revista, aparece como uma categoria específica no interior de nossa análise; o que ocorre também com o tema da “preguiça”, por exemplo. Ambos, apesar de muitos pontuais, ganham destaque pela maneira como são tratados, sendo recorrentes, inclusive, pelo uso da palavra que os designa. É como se disséssemos que outros temas estão agrupados a partir de termos “guarda-chuva” (caso de família ou religião, por exemplo); o que não acontece com “sexo” e “preguiça” dada a sua visibilidade e recorrência. Do total de 96 edições, 96 capas e entre 40 seções possíveis, chegamos aos seguintes dados:

Categorias	Seções	Textos	Edições	Capas
Individualidade	23	73	48	5
Convivência	22	95	66	6
Corpo	20	131	73	2
Cidade	18	198	82	1
Maturidade	18	52	39	2
Família	17	133	64	7
Ficção	17	119	70	1
Alternativos	16	97	55	5
Consumo	16	56	38	7
Criatividade	16	32	22	1
Personalidade	16	110	68	21
Religião	16	106	60	3
Trabalho	16	28	25	1
Tranquilidade	16	91	56	6
Moradia	14	54	43	1
Amor	13	41	34	1



Comunicação	12	39	31	1
Simplicidade	12	23	16	3
Alimentação	11	167	87	5
Amizade	11	40	32	1
Existência	11	36	30	2
Humor	11	24	19	1
Dormir	10	29	26	1
Mudança	10	41	35	1
Planejamento	10	38	30	6
Preguiça	10	14	13	2
Política	6	17	16	1
Sexo	5	16	14	2
				96

Quadro 2 – Temas de *Vida Simples* ao longo das edições

Observados cuidadosamente, pode-se dizer que os conteúdos realizam uma espécie de espelhamento dos preceitos editoriais previstos em suas seções, articulando uma rede de discursos e gêneros jornalísticos heterogêneos. Estão neles as questões de “crescimento individual”, “vida em comunidade”, “relações pessoais”, “saúde física e mental”. Além disso, estão neles os “nós” temáticos que amarram as fases editoriais da revista (TAVARES, 2011), como a questão da “vida urbana”, dos “temas eternos”, da “vida alternativa” e do “autoconhecimento”. Tudo isso, organizado pelas categorias, faz com que certos eixos temáticos fixos (que ora partem das seções, ora partem do tema da qualidade de vida em si) criem não apenas referentes sobre o que vai ser falado pela revista, mas referências pelas quais são selecionados os aspectos a serem tratados em relação a cada tema e a partir da lógica jornalística de cada seção, ambos permeados e tensionados, também, pela ideia de simplicidade e pelo dispositivo editorial que a movimentam.

Os números alcançados, além de quantificarem os assuntos tratados pela revista, se transformados em pontos de ocorrência ao longo da linha temporal e da grade editorial da publicação, deixam à mostra como a presença dos conteúdos elencados, na sua oscilação (das seções menores às capas e também das capas às outras seções)¹², constrói também, e de forma “autônoma”, uma intermitência temática. Tal variação (e seu movimento no interior das edições) realça a vivacidade da revista e, constituindo uma processualidade editorial específica, deixa clara uma face de sua composição jornalística. Os temas giram e fazem girar a revista, dão a ela um fluxo semântico que enreda seus diversos processos e sua complexidade.

¹² Seções que não trazem reportagens (notas, perfil, entrevistas), por exemplo, são, às vezes, berço de pautas para textos mais elaborados ou, em contrapartida, permitem um olhar mais pontual (pequenos eventos, retomada da fala de uma fonte etc.) sobre o que já foi dito antes de forma mais aprofundada.



No plano editorial de 2009, na parte que se refere à análise crítica que a própria publicação faz de si, a recorrência de temas (repetição) está indicada como uma “ameaça” (é esta a palavra utilizada) ao crescimento e equilíbrio da publicação. Mas, se olharmos pela lógica da coerência do temário composto por *Vida Simples*, é justamente esse movimento de ondulação dos temas um dos traços que permite pensar a globalidade de sua “revistação” (TAVARES, 2011), indicando, de maneira ora pensada, ora espontânea (daí a “autonomia” a que nos referimos acima), como a revista constrói certos sentidos para sua temática principal e para sua lógica editorial, instaurando não apenas uma coerência (no sentido de uma retidão, de algo correto), mas uma processualidade que permite olhar para um todo através de outros todos, pontuais¹³. Firma-se, pois, pelos processos de aparição que os conteúdos instauram em contato com a publicação e vice-versa, uma maneira de constituir aquilo “tudo que é necessário saber sobre qualidade de vida”. Além disso, com relação ao público, por exemplo, a repetição dos temas também reforça uma cotidianidade tácita, um reconhecimento que faz parte do contrato que habita o universo da revista.

Dos movimentos da revista e(m) sua composição

O casamento dos elementos editoriais – jornalísticos, temáticos e gráficos – insere a revista numa dinâmica específica desde onde parece emergir, como horizonte, um olhar e um fazer que valorizam uma sensorialidade e uma sensibilidade, criando, pois, um viés para sua “simplicidade revistativa”, instituindo-a ao mesmo tempo. Comunicativamente, forma-se, pois, um *entre* “projetual”, cujas processualidades propostas e previstas, ao ganharem vida, pormenorizam, em distintos cruzamentos, a dinâmica da revista, aquilo que permite falar desse veículo como meio de comunicação e produto jornalístico, que permite falar de sua qualidade de vida e, no tensionamento entre um e outro, que permite falar de uma vida simples jornalística e “revistativa” em *Vida Simples*.

Em definição atual sobre o jornalismo especializado, a partir de uma revisão dos estudos sobre a IPE (*Información Periodística Especializada*), Maria Teresa Mercado Saéz (2006) diz que a especialização jornalística refere-se a uma estrutura informativa que abarca “todo o processo comunicativo” para apresentar a realidade através dos múltiplos âmbitos

¹³ Não se quer dizer que não exista na revista, ao longo de sua existência, um constante redesenho dos conteúdos, que vai ao encontro das mudanças editoriais da publicação. No entanto, pelo fato de tratar-se de uma revista temática, é possível dizer que as pautas permanecem, dada a retomada de certos conteúdos, mas encontram-se atualizadas de acordo com a fase da publicação e as mudanças e preceitos formais que cabem a esse período.



temáticos que são objeto de tratamento pelo jornalismo (por seus profissionais qualificados em distintos níveis de especialização), satisfazendo aos usuários e às suas demandas.

Fontcuberta (2006) associa a especialização jornalística à questão temática e, retomando a relação do temário jornalístico com o público, tal qual apontavam as outras perspectivas acima lembradas, explica que hoje as audiências demandam dos meios um “novo tipo de conteúdo informativo” que está associado a dois tipos de expectativas: “las necesarias para desenvolverse en un mundo cada vez más complejo, que precisa el establecimiento y renovación continua de pautas de interpretación social, y las derivadas de intereses específicos en el campo de las ideas, de las actividades o las aficiones” (FONTCUBERTA, 2006, p. 79). E nas áreas ou seções (sistemas e subsistemas, segundo a autora) de cada periódico é que estará o sentido de seus conteúdos, ou melhor, “la calidad y la coherencia del temario” (p. 83)¹⁴.

O pensamento de Fontcuberta (2006) sobre a coerência interna de cada meio, apesar de baseado numa ideia de “cumprimento por cada veículo de normas que sua redação e suas rotinas estabeleceram previamente” para a “captura do real”, é bastante significativo para pensarmos, como em cada meio (no nosso caso a revista), as seções (ou suplementos) e áreas funcionam na cobertura que ele realiza, seja ela “temática”, seja ela “noticiosa”.

Observando do ponto de vista das demandas do público¹⁵, bem como da organização de um meio por uma pauta (e para ela), podemos associar (tendo também como referência as reflexões sobre as noções de tematização e agenda), novamente a segmentação aos temas no interior do jornalismo. Nesse sentido, a partir de tal segmentação temática aparece uma espécie de coordenação editorial para publicações e produtos, de onde emergem noções como coerência, agenda e enquadramento.

No entanto, e mais que apenas uma segmentação, é possível dizer que o papel dos temas pode ser pensado também no âmbito de uma processualidade jornalística; o que pede, por exemplo, uma definição de jornalismo especializado que seja mais ampla, por exemplo, que esta: “a informação dirigida à cobertura de assuntos determinados e em função de certos públicos, dando à notícia um caráter específico, é jornalismo especializado” (BAHIA, 2009, p. 236).

¹⁴ Fontcuberta reflete sobre a distinção entre área e seção, atribuindo à primeira um grau de “profundización mucho más elaborado, que afecta a todo el proceso de producción de la información y a la formación de los profesionales que la construyen, y requiere una vertebración interna mucho más articulada que la sección” (FONTCUBERTA, 2006, p. 80). O embrião dessa discussão está em Fontcuberta (1999).

¹⁵ Patrícia Rocha (2006) discute criticamente a posição do jornalista na elaboração das pautas atemporais no jornalismo impresso, chamando a atenção para o fato de que muitas pautas, antes de voltadas a um público, estão submetidas e restritas ao próprio universo dos jornalistas e da redação, não “refletindo”, portanto, os interesses propriamente públicos e também de seus públicos.



Assim, se a linha entre tema e público é tênue e nos ajuda a pensar a composição dos assuntos de uma publicação, mais que estarmos diante de um “jornalismo temático”¹⁶, o que se pode pensar pelo referente e o temário no sentido de uma pauta, fica a necessidade de se saber que ações são provocadas no interior do produto e que dizem respeito tanto aos temas que nele são trabalhados, como na maneira e frequência com que tais temas aparecem em suas páginas.

Sem olhar aqui para *Vida Simples* do ponto de vista da análise de uma especialização jornalística, mas considerando suas especialidades, pode-se dizer que a busca pela materialização de uma ideia de simplicidade, pensada editorialmente, aparece *como* uma espécie de ponto de partida, um *a priori*, que estará manifesto a cada mês nas edições publicadas e que, no interior delas, na trama dos processos que ali se constituem, vê-se também transformado. Naquilo que a revista pretende, esboça-se um elenco de questões e aspectos que pensam uma atuação jornalística e, de certa forma, constrói um enquadramento que orienta seus processos. O que não significa que os determina.

No caso de *Vida Simples*, então, menos que olhar para o que está previsto, considerando as seções e os temas a partir de uma coerência – como propõe Fontcuberta (2006) –, deve-se também pensar como um e outro se ajustam de acordo com os movimentos que a própria revista lhes impõe, proporcionando a construção de sentidos que dirão respeito a um assunto específico, ao todo de uma edição da revista, ou ao conjunto de várias edições. Há, pois, na relação entre as pautas da revista e a adequação destas a algumas temáticas (e vive-versa), a construção de uma coerência que diz não apenas de uma questão editorial, no sentido de uma visão de mundo, mas também de processos que habitam a construção jornalística e temática dessa visão.

Assim, pensando a questão editorial de maneira geral e a presença e papel dos temas em sua estruturação, algumas questões se destacam. Relembremos os dizeres de Beatriz Sarlo a partir de Walter Benjamin:

El coleccionista, dice Benjamin, despoja a la mercancía de su valor de uso, la sustrae de su función práctica, suspende su circulación, para incorporarla a un espacio ordenado y artificioso, impulsado por un imposible y nunca resignado deseo de totalidad (SARLO, 2000, p. 36).

Se olharmos para as temáticas presentes na revista e sua distribuição em seções ao longo dos meses e anos, bem como para os recursos gráficos e visuais que traduzem essa

¹⁶ O site do Curso Abril de Jornalismo, que ocorre anualmente, visando a selecionar recém-graduados em Comunicação para o quadro de profissionais da Editora, utiliza essa expressão. Ver: <<http://cursoabril.abril.com.br/servico/ideias/>>. Acesso em: 11 dez. 2009.



presença, é possível afirmar que, a cada aparição, novos elementos aparecem (dotados de características de cada espaço da revista de onde ele emerge e acrescidos de outros pontos que se referem a ele em termos de conteúdo), assim como velhos elementos são atualizados. Além disso, dentro de uma lógica do próprio valor-notícia da revista, o assunto vai sendo estruturado e reestruturado. Assim, se um tema passa por todas e/ou várias seções, temos um movimento duplo: sua pluralidade passível de uma abrangência editorial (presentificando-se em diversas abordagens jornalísticas) e sua construção (a construção da pluralidade), a partir dessa questão editorial (com a exploração alternada e densificada de aspectos de seus conteúdos propriamente ditos). Como afirmamos em trabalho anterior,

Ao falar para um certo público e com ele criar uma certa “relação”, a revista tenta “esgotar” uma temática e “tratar” a realidade de outra forma. Algo que no contexto do jornalismo traz implicações discursivas e editoriais, e sugere um fazer jornalístico complexo, que possui operações próprias (SCHWAAB; TAVARES, 2009, p. 184).

Nesse sentido, podemos dizer, cada tema da qualidade de vida tratado (uma espécie de subtema no interior desse tema maior), assim como os subtemas que os compõem (aqueles que se agrupam e formam as categorias acima construídas), vão adquirindo, pela “coleção” que a revista organiza, no recortar o tema de uma realidade (social) e na adequação deste à outra (“revistativa”), uma totalidade própria (TAVARES, 2011).

Vida Simples, por meio de suas temáticas, casadas com outras questões, realiza, assim, a elaboração de uma série de “todos” temáticos (jornalisticamente materializados e valorizados) que, em conjunto, reunidos sob a ótica de uma composição editorial, vetorizados e vetorizando tal composição, elabora um todo mais amplo, que é tanto temático – um sentido de bem viver – quanto é “simples” – correspondente a uma simplicidade “holística”, semântica e processual que dali se origina e se mantém em constante processo de circulação/transformação¹⁷, afirmando uma diferenciação editorial e, conseqüentemente, uma singularidade.

Referências

BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica**: as técnicas do jornalismo. Vol. 2. 5. ed. Rio de Janeiro: Mauad X, 2009.

FONTCUBERTA, Mar de; BORRAT, Hector. **Periódicos**: sistemas complejos, narradores en interacción. Buenos Aires: La Crujía, 2006.

¹⁷ Essa circulação temática também se encontra no entrecruzamento de temas dentro de um próprio tema. Em reportagens e outros textos, muitos temas tratados pela revista vão retomando, interpenetrando-se como “cases” temáticos dos temas principais em foco. A reportagem de capa da edição 66, de maio de 2008, por exemplo, o tema principal, “Dinheiro”, é desenvolvido na “companhia” de outros: “vizinhos”, “simplicidade”, “organização”. E assim são vários outros os casos ao longo da revista, variando de acordo com o assunto e direcionando o foco do texto construído.



- FONTCUBERTA, Mar de. Pauta y calidad informativa. **Cuadernos de Información**, n. 13, Santiago (Chile), p. 61 – 69, 1999.
- KOPP, Rudinei. Design para capas de revistas: padronização e flexibilização. In: FELIPPI, Ângela; SOSTER, Demétrio de Azeredo; PICCININ, Fabiana (Orgs.). **Edição de Imagens em Jornalismo**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2008. p. 210 – 240.
- LANDOWSKI, Eric. **A sociedade refletida**. São Paulo: EDUC/Pontes, 1992.
- LESLIE, Jeremy. **Novo Design de Revistas**. Barcelona: Editorial Gustavo Gilli S.A., 2003.
- MERCADO SAÉZ, María Tereza. Aportaciones teóricas en torno al concepto de periodismo especializado. **Question**, No. 9, verano 2006, Universidad Nacional de La Plata, Argentina, 2006.
- MIRA, Maria Celeste. **O leitor e a banca de revistas: a segmentação da cultura no século XX**. São Paulo: Olho D'Água, 1999.
- MOGEL, Leonard. **The Magazine: Everything You Need to Know to Make It in the Magazine Business**. Pittsburgh: GATF Press, 1998.
- MOULLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (Orgs.). **O jornal: da forma ao sentido**. 2. ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002. p. 09-190.
- QUESADA PÉREZ, Montserrat. **Periodismo Especializado**. Madrid: Ediciones Internacionales Universitarias, 1998.
- RANCIÈRE, Jacques. **A partilha do sensível: estética e política**. São Paulo: EXO experimental org.; Ed. 34, 2005.
- REGINATO, Gisele Dotto; AMARAL, Márcia Franz. Em busca da complexa simplicidade: dispositivos pedagógicos na revista Vida Simples. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 32, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Intercom, 2009. 15f.
- RICHERS, Raimar; LIMA, Cecília Pereira. (orgs.). **Segmentação: opções estratégicas para o mercado brasileiro**. São Paulo: Nobel, 1991.
- ROCHA, Patrícia. Ação pessoal do jornalista na gênese das pautas. **Estudos em Jornalismo e Mídia** (UFSC), Florianópolis, Vol. 3. n° 2, p. 105 – 116, segundo semestre de 2006.
- ROVIDA, Maria Tereza. **A segmentação no jornalismo sob a ótica durkheimiana da divisão do trabalho social**. 2010. 170 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação. Faculdade Cásper Líbero, São Paulo, SP, 2010.
- SARLO, Beatriz. **Siete ensayos sobre Walter Benjamin**. México-Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2000.
- SARMATZ, Leandro. Palestra: **(Algumas) Tendências do Jornalismo**. Porto Alegre, PUC – RS, 2008.
- SCALZO, Marília. **Jornalismo de Revista**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- SCHWAAB, Reges; TAVARES, Frederico de Mello B. O tema como operador de sentidos no jornalismo de revista. **Galáxia** (PUCSP), São Paulo, v. 9, p. 180 – 193, 2009.
- SONNAC, Nathalie. L'économie des magazines. **Réseaux**, Paris, n° 105, p. 79 – 100, 2001/1.
- TAVARES, Frederico de Mello Brandão. **Ser revista e viver bem: um estudo de jornalismo a partir de Vida Simples**. 2011. 468 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. São Leopoldo, RS, 2011.
- VALLADA, Kardec Pinto. **Revistas: um produto, objeto e instrumento de marketing**. 1989. 217 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação. Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, 1989.